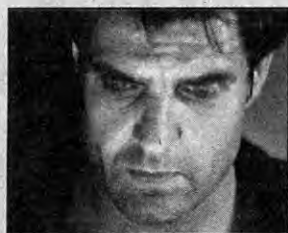


CADERNO 2

ANO IX NÚMERO 3.305 □ SEGUNDA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO DE 1996



Julia Roberts é Mary Reilly
Ela fala em Berlim sobre seu papel no filme de Stephen Frears. Pág. 3



Conflitos de terra chegam às telas
'Jenipapo', com Henry Czerny, estreia esta semana. Pág. 10

São Paulo verá imagens de Nam June Paik

Seis trabalhos do artista, um deles inédito, serão exibidos no Sesc Pompéia durante o Videobrasil

GABRIEL BASTOS JUNIOR

O 11º Festival Internacional Videobrasil, entre 12 e 17 de novembro, no Sesc Pompéia, vai contar com uma videoinstalação inédita de Nam June Paik, considerado o pioneiro da videoarte. Além disso, uma retrospectiva trará mais cinco de seus trabalhos, escolhidos entre os mais importantes e significativos de sua vasta produção — entre eles, detalhes de sua mostra na Bienal de Veneza, em 1993. Além disso, a violinista Steina Vazulka e o pianista Stephen Vicello vão fazer uma performance a partir de um CD-ROM de Paik. "É um sonho que quero realizar desde o primeiro festival", diz Solange Farkas, curadora e organizadora do evento.

Nam June Paik: *Waiting for the 22nd Century*, como a mostra no Videobrasil foi batizada, é um tributo ao artista coreano que fez os primeiros experimentos de que se tem notícia com a linguagem e a tecnologia do vídeo. Embora esse trabalho tenha se iniciado a partir das composições de música de vanguarda e das performances do grupo Fluxus (nome que mais tarde se estendeu ao movimento estético), que ele ajudou a fundar no início dos anos 60, o marco inicial da videoarte comumente citado é a sessão que fez no Café Go-Go, em Nova York, em 4 de outubro de 1965.

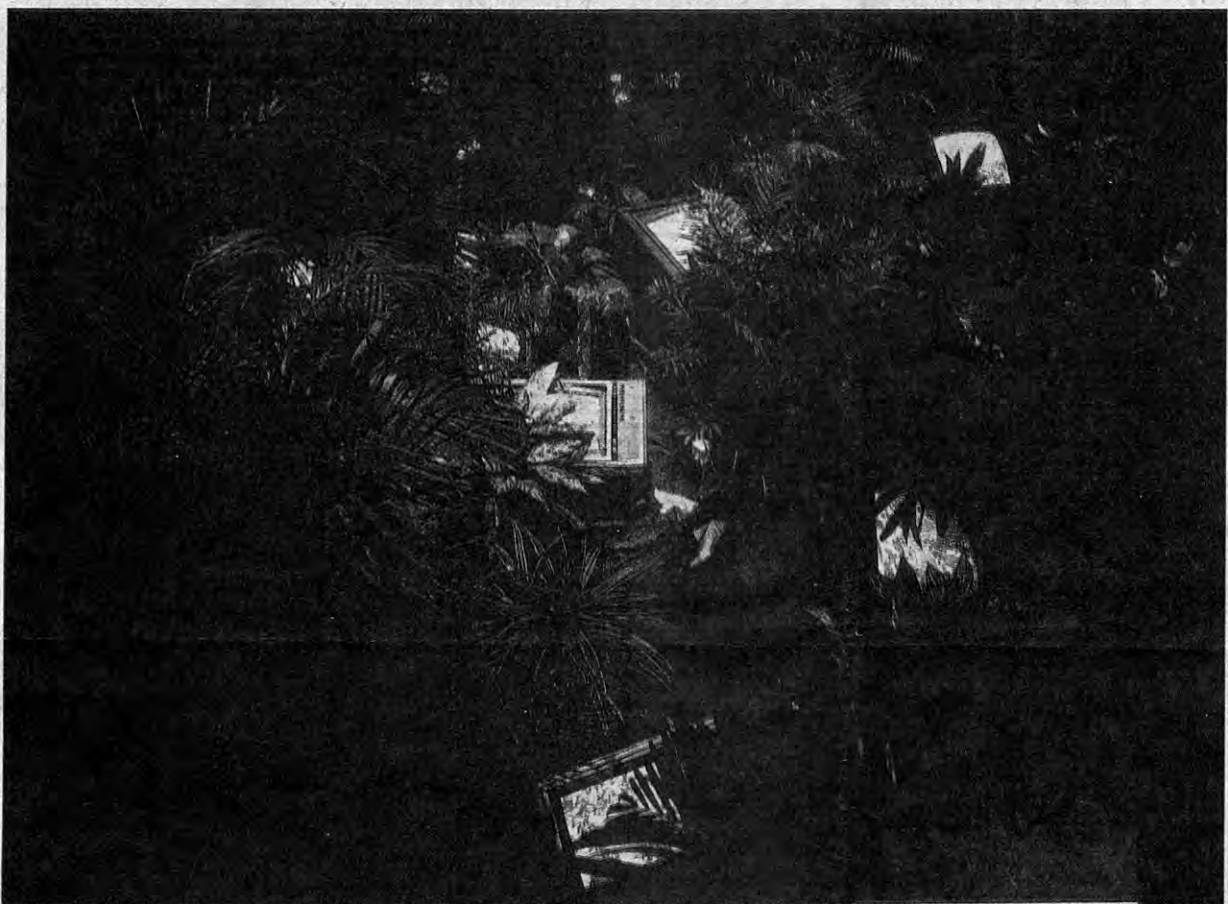
Em entrevista durante a Bienal de Veneza de 1993, Paik disse que a música era 60% de seu trabalho, dando o tempo e o ritmo para a imagem. Considerando sua formação, era natural que isso ocorresse. Nascido em Seul em 1932, deixou a Coreia aos 16 anos, junto com a família, por causa da guerra. Foi para Hongkong e, em seguida, para Tóquio, onde estudou música e história da arte, completando o mestrado em 1956 com uma tese sobre o compositor Arnold Schönberg, criador do dodecafonismo.

Tecnologia — Em 1957, Paik se mudou para a Alemanha para estudar música na Universidade de Munique e no Conservatório de Friburgo. No ano seguinte conheceu John Cage, amigo, parceiro e talvez a referência musical mais forte em sua obra, junto a Wolfgang Fortner e Karlheinz Stockhausen, com quem chegou a trabalhar em seu estúdio de música eletrônica. Sua primeira performance e composição musical foi em Düsseldorf, em 1959, e se chamava *Homenagem a John Cage: Música para Piano e Gravador*.

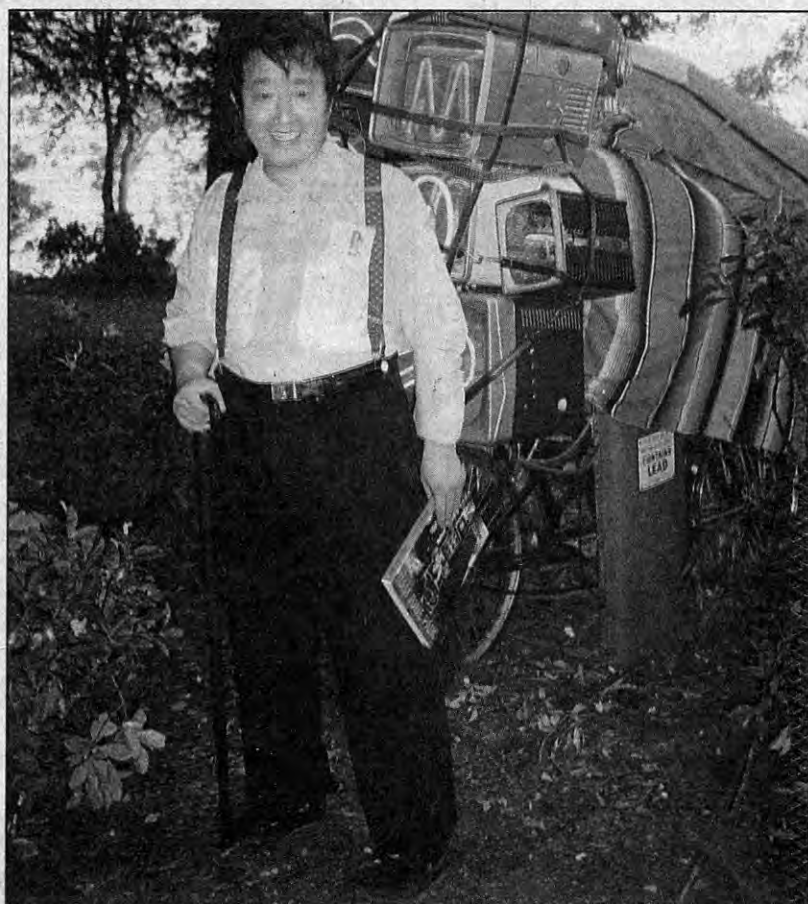
O artista já vinha desenvolvendo sua relação com a tecnologia em suas composições e performances quando conheceu George Maciunas, outro formulador inicial do Fluxus. Em 1963, exibiu seu primeiro trabalho com imagem eletrônica, ainda na Alemanha: *Exposition of Music-Electronic Television*. Mas ele mesmo admite, em depoimento reproduzido em *El Arte del Video*, livro de referência histórica sobre a jovem videoarte, que sua obra então ainda não era considerada "artística", o que não demoraria para ocorrer.

De volta ao Japão, ele continuou sua experimentação e criou o primeiro de seus robôs, o *Robot K-456*, que funciona com controle remoto. Assim como os que vieram depois, seus robôs, que se tornaram coadjuvantes comuns de suas performances, eram feitos para caminhar nas ruas anunciando uma nova tecnologia controlada pelo homem.

Em 1965, ele foi para Nova York, onde mora até hoje. Sua primeira exposição individual tinha o emblemático título de *Nam June Paik: Electronic TV, Color TV Experiments, 3 Robots, 1*



A videoinstalação com monitores e plantas 'TV Garden' (1974-1978): arte de ressonância operística



O coreano Nam June Paik: entre formas orgânicas e eletrônicas



Instalação levada a Veneza: possibilidade de ser exibida no Brasil

Zen Box & 1 Zen Can. Já usava o princípio da interatividade, já que os espectadores podiam alterar as imagens nas telas de TV por meio da manipulação de um eletroímã. É nessa fase que começou sua parceria com Charlotte Moorman, que também foi, de certa forma, sua anfitriã na América.

Durante os anos 70, Paik já era considerado um importante artista de vanguarda, quando participou da Bienal de São Paulo (1975) com a obra *Jardim de Vídeos*, uma de suas mais famosas instalações.

O espaço que foi conquistando, junto com o interesse sempre crescente em novas tecnologias, fez com que começasse a explorar a transmissão de televisão. No início dos anos 80, fez dois de seus trabalhos mais significati-

vos nesse sentido: *Global Groove* (1983), em que faz referência à aldeia global de Marshall McLuhan, e *Good Morning Mr. Orwell* (1984), transmitido via satélite simultaneamente do Centro Georges Pompidou, em Paris, e do estúdio da WNET-TV, em Nova York, em cujo laboratório ele vinha desenvolvendo pesquisas desde 1971.

Seu projeto mais grandioso talvez tenha sido *Wrap Around the World*, um vídeo de abertura produzido para as Olimpíadas de Seul, em 1988, utilizando sinais emitidos de 11 países distintos, incluindo Grécia (onde nasceram os jogos olímpicos) e Brasil (com vinhetas produzidas por Hans Donner). Era a verdadeira aldeia global.

Atualmente, Paik mora e trabalha em Nova York e leciona na Universidade de Düsseldorf, na Alemanha. Mantém seu interesse pela tecnologia e, não por acaso, começa a utilizar CD-ROM em suas performances e trabalhos em geral.



A obra 'Duchamp/Beuys' (1990): trabalho híbrido de silêncio e contemplação

Festival valoriza a produção local

Evento realizado a cada dois anos serve como ponta-de-lança para vídeos brasileiros

Além do tributo a Nam June Paik, o Videobrasil vai contar com a participação de outro videoartista de destaque no cenário internacional, o francês Michel Jaffrenou, que também participa com uma obra feita especialmente para o evento. "Existe uma ligação entre os dois, tanto que Jaffrenou já fez uma homenagem a Paik", conta Solange Farkas, curadora e organizadora do festival.

Desde que se tornou internacional e, conseqüentemente, bienal, o Festival Internacional Videobrasil é, sem dúvida, o mais importante espaço para a produção de arte eletrônica no Hemisfério Sul. Criado em 1983, o Videobrasil foi, aos poucos, assumindo o perfil de espaço exibidor para a videoarte, abrangendo não apenas os trabalhos inscritos na mostra competitiva, mas também as variações em torno do tema, como as instalações, as esculturas e as performances.

As inscrições para a mostra competitiva estarão abertas a partir de março e vão até 12 de setembro. Estão previstos três prêmios em dinheiro (R\$ 6 mil para o vencedor) além do Prêmio Futuris, que engloba uma viagem à França e um estágio na produtora de computer arts Ex Machina, com a produção de um trabalho no fim do período.

do. "Estamos tentando fechar a circulação desse produto na Europa", diz Solange.

Elos — Segundo a curadora, a ideia é não limitar o festival ao "oba-oba da mostra". "Isso também é importante porque funciona como plataforma de lançamento", comenta. "Mas é preciso que o festival crie subprodutos." A ideia é consolidar cada vez mais o Videobrasil como um dos elos entre a produção nacional e o mercado externo, aumentando o intercâmbio até com outros festivais.

Foi com esse objetivo que, ao se tornar internacional, o festival optou por limitar — na mostra competitiva — os trabalhos inscritos no Hemisfério Sul. "Sempre tivemos acesso à produção americana e europeia", conta Solange. "Partimos do princípio de que deveria haver uma produção rica que não estava chegando a nós", continua. Ela lembra o perfil de espaço exibidor para a videoarte, abrangendo não apenas os trabalhos inscritos na mostra competitiva, mas também as variações em torno do tema, como as instalações, as esculturas e as performances.

Este ano o festival vai contar também com um encontro de distribuidores, como a reunião da Federação de Festivais de Vídeo e Arte Eletrônica do Mercosul, e com a participação de representantes de TVs que, tradicionalmente, abrem espaço para esse tipo de trabalho. Solange participa, por exemplo, do Pandaemonium London Festival of the Moving Image (de 8 a 14 de março), onde pretende fechar mais alguns centos. (G.B.J.)

MICHEL JAFFRENOU VAI PARTICIPAR DA MOSTRA

Obsessão é unir Ocidente e Oriente

Arte produzida por Nam June Paik é um exemplo de transculturalismo

ANGÉLICA DE MORAES

A presença da obra de Nam June Paik na Bienal de Veneza de 1993 foi de uma beleza esmagadora. O genial artista coreano ocupou metade do amplo pavilhão da Alemanha da Bienal de Veneza de 1993, Achille Bonito Oliva, queria frisar que, na Europa ameaçada pelo conflito da Bósnia, a arte era o melhor caminho para o transculturalismo e o convívio pacífico entre as nações.

O primeiro impacto do público com a poderosa visualidade da obra de Paik ocorria diante de um enorme videowall de 279 monitores de diversos tamanhos, em que imagens pulsavam e migravam em ritmo alucinado e hipnótico, ao som de rock pesado. Nome da obra: *Informação como Arte, Arte como Informação*.

O outro trabalho era silencioso e contemplativo: *Capela Sistina*. Uma das melhores respostas que a multimídia artística do século 20 poderia dar ao desafio de excelência criado por Michelangelo. Essa peça ocupava o teto curvo do pavilhão com projeções de imagens de vídeo que mesclavam o nado suave e silencioso de peixes ornamentais com rápidos e ruidosos flashes de performances do alemão Joseph Beuys e de atores do Living Theatre.

Nos jardins, o artista espalhou um cenário de ressonância operística: diversas esculturas feitas de sucata, híbridos de formas orgânicas e eletrônicas. As peças voltam a tratar de uma questão que sempre ocupou o artista coreano radicado em Nova York: a união entre Oriente e Ocidente. Veneza, histórico porto europeu da chamada rota da seda, foi o cenário perfeito para amplificar essa obsessão.

MÚSICA É PARTE FUNDAMENTAL DA OBRA